

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOSEANE OLAYA PRADELLA

A ALFABETIZAÇÃO E A AVALIAÇÃO NO ENSINO
FUNDAMENTAL

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOSEANE OLAYA PRADELLA

A ALFABETIZAÇÃO E A AVALIAÇÃO NO ENSINO
FUNDAMENTAL

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P881a	<p>Pradella, Joseane Olaya.</p> <p>A alfabetização e a avaliação no ensino fundamental : memorial de formação / Joseane Olaya Pradella. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> <p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">08-376-BFE</p>
-------	--

Dedico este Memorial de Formação
ao meu namorado Marcelo, a meus
pais e minhas irmãs , que sempre me
apoiaram ao longo desses anos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais,

Às minhas irmãs, Adriana e Juliana,

Ao meu namorado Marcelo, pela compreensão,

Aos professores do curso que foram profissionais e amigos.

*“Estar vivo é estar em conflito permanente, produzindo dúvidas,
certezas
Questionáveis. Estar vivo é assumir a Educação do sonho do cotidiano.
Para permanecer vivo, educando a paixão, desejos de vida e morte, é
preciso educar o medo e a coragem.
Medo e coragem em ousar.
Medo e coragem em romper com o velho.
Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente.
Medo e coragem em construir o novo.
Medo e coragem em assumir a educação
deste drama, cujos personagens
são nossos desejos de vida e morte.
Educar a paixão (de vida e morte) é lidar
com esses dois ingredientes, cotidianamente,
Através da nossa capacidade, força vital
(que todo ser humano possui, uns mais,
Outros menos, em outros anestesiada) e
desejar, sonhar, imaginar, criar.
Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos,
imaginamos e criamos, na busca
permanente
da alegria, da esperança, do fortalecimento
da liberdade, de uma sociedade mais justa,
da felicidade a que todos temos direito.
Este é o drama de permanecermos
vivos... fazendo Educação.”*

Madalena Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. CAPÍTULO - A ESCRITA EM MINHA VIDA	02
1.1.Meus contatos com a escrita antes de freqüentar escola	
1.2.Minha alfabetização	03
2. CAPÍTULO II – A ESCOLHA DA PROFISSÃO	05
2.1. Minha crise de identidade	
2.2. Meu ingresso no Magistério	06
2.3. Me formei professora e agora?	08
3. CAPÍTULO III - COMO ALFABETIZAR?	09
3.1. Minha prática pedagógica	
3.2. As controvérsias entre o Ensino Tradicional e o Construtivismo	13
4. CAPÍTULO IV – A AVALIAÇÃO NOS CICLOS	15
4.1. A divisão em séries e a progressão continuada	
4.2. Da seriação aos ciclos – As mudanças encontradas pelo professor	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

APRESENTAÇÃO

Escolhi os temas Alfabetização e Avaliação para a elaboração do meu Memorial de Formação, porque são assuntos que fazem parte da minha vida profissional, da minha prática pedagógica. São temas que me fazem refletir muito, chegando ao seguinte questionamento: por que as crianças estão chegando no quinto ano (antiga 4ª série) sem estarem alfabetizadas?

Meu memorial “A Alfabetização e a Avaliação no Ensino Fundamental” será estruturado em capítulos. Iniciarei, após os agradecimentos, apresentação e introdução, o Capítulo I: A escrita em minha vida, onde relatarei sobre a escrita em minha vida e meus contatos com ela antes de frequentar a escola. Falando a importância da minha família ao me apresentar o mundo da escrita. Depois, falarei sobre o meu ingresso na escola e meus primeiros contatos com a escrita. Entrei diretamente na primeira série (hoje, segundo ano), pois antigamente não era obrigatório frequentar a pré-escola (hoje, primeiro ano do ensino fundamental) e nem a Educação Infantil. Contarei sobre a forma como fui alfabetizada, como era a minha professora do primeiro ano e seu trabalho.

Seguindo essa ordem, falarei também, no capítulo II: A escolha da profissão, sobre a escolha da minha profissão, da minha crise de identidade ao terminar a oitava série (hoje nono ano). Como fui estudar para ser professora. Contarei minha história, o meu ingresso no Magistério. O que senti cursando o Magistério. Será que eu pensava em lecionar quando concluí o curso? O que fui fazer após? Por que estou lecionando hoje?

Já no capítulo III: Como Alfabetizar? relatarei o meu trabalho como professora alfabetizadora, relacionando-o com a prática pedagógica da minha professora da primeira série (hoje segundo ano) do ensino fundamental. Tratando assim, do modelo de ensino “tradicional” e do modelo “construtivista”, ou seja, como era o ensino naquela época, relacionando-o com a alfabetização e a forma de avaliação atual, ressaltando os prós e os contras do ensino “tradicional” e do “construtivismo” do meu ponto de vista e de alguns autores.

Relatarei, no Capítulo IV: A avaliação nos ciclos, sobre a criação da progressão continuada e as mudanças ocorridas após a implantação da mesma, relacionando com a época em que eu estudava no ensino fundamental, onde a divisão era em séries e havia

repetências em todas elas, e não somente no quinto ano (antiga quarta série) e no nono ano (antiga oitava série). Relacionarei a seriação e a avaliação de antes (década de 70) com a divisão em ciclos e a avaliação de hoje (2008), com a minha prática pedagógica na alfabetização, imaginando como seria se eu estivesse lecionando naquela época, quais as diferenças e mudanças encontradas por um professor que lecionou naquela época e continua até hoje. Por que as crianças que estudavam no ensino tradicional aparentavam ter mais interesse em aprender, do que as crianças de hoje? Esta é uma questão que me intriga, pois é o que tenho em minha lembrança quando penso nas crianças que estudavam na minha época. Bastava a professora aumentar um pouco o tom de voz, que todos se “calavam”. Hoje, os professores quase “perdem a voz” e nada. Será a falta de interesse dos alunos, o fato de chegarem hoje, no quinto ano, sem estarem alfabetizados? Será a mudança em ciclos? Será a culpa dos professores? Serão as políticas públicas? É uma questão de método de alfabetização?

Nas Considerações Finais, falarei sobre a minha trajetória na Pedagogia, como fui cursar a faculdade, e em que o Proesf me ajudou e está me ajudando, contribuindo para a minha prática pedagógica e formação profissional.

CAPÍTULO I

A ESCRITA EM MINHA VIDA

“A biblioteca popular como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto.”

FREIRE

1.1 MEUS CONTATOS COM A ESCRITA ANTES DE FREQUENTAR A ESCOLA

Quando criança, sempre tive contatos com a escrita. Meus primos mais velhos, já adolescentes, tinham coleções de livros infantis. As capas eram lindas, todas trabalhadas, o que chamava mais ainda a minha atenção. Cada vez que ia visitá-los com meus pais, ganhava um livro. Eu ficava muito feliz e tinha o maior cuidado com ele. Eu deveria ter uns quatro ou cinco anos de idade.

Como não sabia ler, pedia à minha mãe para que lesse para mim. Lembro que eu deitava em sua cama e ela, sentada, lia para mim com o livro sobre a cama, para que eu observasse as figuras. Adorava ouvir as histórias e “viajava” com o livro. Todo dia, pedia à minha mãe para que lesse um livro para mim. Mesmo que eu já tivesse ouvido aquela história, não me importava de ouvi-la novamente. Com o passar do tempo, acabava até decorando a história lida. Então, quando minha mãe não estava muito disposta a ler, pois tinha outros afazeres, ela “pulava” partes do texto e eu, muito esperta, percebia e a questionava. Lembro que ela ficava até brava, mas continuava a ler o livro inteiro.

Meu único contato com a escrita antes de frequentar a escola foi esse, através da leitura feita pela minha mãe, de livros infantis. Somente ouvia e visualizava as letras (palavras).

Minha família (minha mãe e meus tios) foram muito importantes para mim nesta época, pois me apresentaram o mundo da escrita, fazendo-me ter interesse por isso e adquirir o gosto pela leitura.

1.2- Minha Alfabetização

Como já havia dito no capítulo anterior, nunca tive um contato maior com a escrita, a não ser através da leitura de livros infantis feita por minha mãe.

Quando chegou a época de freqüentar a escola, entrei diretamente na primeira série do ensino fundamental (hoje segundo ano), pois antigamente não era obrigatório freqüentar a pré-escola (hoje primeiro ano do ensino fundamental) e nem a educação infantil de 0 a 6 anos (hoje 0 a 5 anos).

No primeiro dia de aula, fui à escola toda feliz, com material novo, roupa nova, acompanhada de minha mãe. Chegando lá, após alguns minutos, bateu o sinal. Então, fui até a fila, junto aos alunos da minha sala. Minha mãe ficou ao meu lado, próxima à fila. Naquele momento, eu estava calma. Depois de alguns instantes, foi feita a oração da entrada e seguimos para a sala de aula. Chegando lá na porta da sala, despedi-me de minha mãe, mas não agüentei e comecei a chorar, pedindo a ela que não fosse embora. Então, a professora Odette, uma senhora que aparentava ter uns sessenta anos, observando a situação, chegou à porta e disse para minha mãe entrar comigo. Assim, entrei mais tranqüila e sentei na carteira que se encontrava no centro da sala.

A professora apresentou-se aos alunos e pediu para que os mesmos falassem os seus nomes. Enquanto isso ocorria, a professora pediu para que minha mãe tentasse abrir o cadeado do armário, que se encontrava ao lado direito da porta da sala. Não percebi, mas a professora havia dado um sinal à minha mãe, para que, assim que eu me distraísse, ela fosse embora. Enquanto os alunos se apresentavam, sem que eu percebesse, minha mãe já não se encontrava no local. Então fiquei desesperada e comecei a chorar. A professora foi me consolar, levando-me até a sua mesa e colocando-me em seu colo. Ouvindo suas palavras, ditas com carinho, acabei me conformando. Aí, retornei ao meu lugar. Recordo-me vagamente desta aula. O que me lembro bem, é que cantamos aquela música “Sapo Cururu”, da qual nunca mais esqueci.

Trago à memória que logo no início das aulas a professora Dona Odette já apresentou aos alunos as letras cursivas. Ela escrevia a letra “a” na lousa, dizendo: “_ Ondinha vai, ondinha vem”. Nunca mais me esqueci. Esta professora trabalhava com a Cartilha Sodré. Uma lição que eu não esqueço era a da “A pata nada”. Não aprendíamos nada fora da cartilha. Esta, era seguida o ano todo. Ia da letra A até a Z, trabalhando sílabas, as famílias silábicas. As letras W, Y e K não estavam contidas no alfabeto.

Para a lição de casa, recordo-me que fazíamos treino de todas as letras na forma cursiva, no caderno de caligrafia. Eu tive dificuldades para escrever a letra “p”

(cursiva). Minha mãe até perdia a paciência comigo ao me auxiliar, pois eu não conseguia de forma alguma fazer a letra “p” corretamente.

Lembro que, apesar dessa dificuldade, eu era muito caprichosa e esperta. Juntando as sílabas, no método “tradicional” (ba, be, bi, bo, bu), saí alfabetizada da primeira série (hoje segundo ano do ensino fundamental). Até os desenhos da cartilha, gostava de desenhar e colorir.

Como conseguia acompanhar o ensino da professora, ela pedia para que eu auxiliasse os outros alunos que tinham mais dificuldades. A professora batia com a régua na cabeça. Ela andava pela sala com a régua na mão, para ver os cadernos dos alunos e acompanhar a lição. Lembro que, quando ela me pedia ajuda, eu também auxiliava os alunos com maiores dificuldades, levando junto uma régua, mas detalhe: não batia na cabeça deles com a régua, somente apontava para o caderno.

Minha professora era extremamente “tradicional”. Os alunos não podiam “abrir a boca” durante a aula. Quem ousasse desobedecê-la ficava em pé de costas para a sala, olhando para a parede, além de “levar reguadas” na cabeça. Quem não atingisse os objetivos propostos, no caso, ser alfabetizado, era retido. Nesta sala, em que eu estava, ninguém foi retido.

Capítulo II

A Escolha Da Profissão

“Escolher profissão significa fazer projeto de futuro. A escolha profissional faz parte do projeto de vida de uma pessoa. Mais do que descobrir vocação, é a hora de olhar o passado (pessoal), conhecer as profissões e a realidade sócio-política e econômica-cultural que dá contorno a essa decisão. É hora de decidir quem se pretende ser, o que se pretende fazer e que mundo gostaria de construir (ou seja, como intervir neste mundo que aí está)”. Sílvio Bock

2.1 Minha Crise de Identidade

Estudei os oito anos, da primeira à oitava série, na mesma escola. Em 1993, quando concluí a oitava série, não sabia que rumo “tomar”, mas tinha em mente continuar meus estudos. Meus pais me deram a idéia de fazer um curso técnico em Contabilidade. Eu estava até pensando nisso, pois sempre adorei Matemática, mas por outro lado, uma amiga estava insistindo para eu cursar o Magistério com ela. Ela tinha certeza do que queria, seu objetivo era ser professora. Eu não, sempre fui tímida e nessa época era muito mais. Não conseguia me imaginar dentro de uma sala de aula, enfrentando um público, mesmo este sendo de crianças.

O ano de 1993 estava terminando e eu não havia decidido ainda que rumo tomar, se eu faria Contabilidade ou Magistério. Até que chegou a época das matrículas para o próximo ano. Então me senti “obrigada” a tomar uma decisão e optei pelo Magistério, de tanto minha amiga insistir e, também, por meus pais, que gostaram da idéia de ter uma filha professora. Como minha amiga ia cursar o Magistério, meus pais ficaram sabendo e começaram a me apoiar, para que eu também frequentasse o curso. Fui, com a cara e a coragem.

2.2 Meu Ingresso no Magistério

Para ingressar no Magistério tínhamos que fazer uma prova (teste). Então, eu e minha amiga, fomos no dia marcado fazer a prova no colégio “Professor Sud Mennucci”, onde seria o local do curso. Eu, como sempre, em dia de prova, estava nervosa para fazer o teste. Apesar de não estar muito entusiasmada para cursar o

Magistério, não queria ir mal na prova, por mim e também para não desapontar meus pais, que estavam na torcida. Enfim, fiz a prova e fiquei na expectativa aguardando o resultado.

Depois de uma semana fui super ansiosa saber a resposta. Olhei no mural do colégio, onde seria o local do curso e, para minha surpresa: fui aprovada. Fiquei feliz e aliviada, pois não iria desapontar meus pais. Por outro lado, fiquei chateada, pois minha amiga havia ficado na lista de espera. Após alguns dias, recebi a notícia de que minha amiga também foi chamada. Então, iríamos cursar o Magistério juntas.

Em fevereiro de 1994, iniciaram-se as aulas na EESG. Professor Sud Mennucci”, e apesar de já ter quatorze anos de idade, nunca havia andado de ônibus sozinha. Meus pais eram “super protetores”. Então, no primeiro dia de aula, minha mãe me acompanhou até o colégio. Fomos eu, minha mãe e minha amiga.

Chegando lá, verifiquei qual seria a minha sala e para minha decepção, eu e minha amiga não estávamos matriculadas na mesma sala. Ficamos três dias estudando em salas diferentes, até que, como havíamos conversado com o responsável na secretaria da escola, esta nos trouxe a novidade de que minha amiga foi remanejada para a minha sala. Ficamos felizes, pois como morávamos no mesmo bairro, estudar na mesma sala seria mais tranquilo para fazermos trabalho em grupo ou em dupla.

As aulas, então, começaram. Encarei como se estivesse cursando o colegial normal, sem habilitação específica para o Magistério. Gostava muito das aulas e sempre fui uma aluna aplicada, desde que ingressei na escola.

Quando, durante as aulas, os professores comentavam sobre lecionar para as crianças, eu pensava: “-- Nunca vou dar aula.” Não conseguia me imaginar lecionando, pois era muito tímida. Achava que não conseguiria dominar uma sala e sentia medo.

Não me recordo se os estágios começaram no terceiro ano do Magistério ou no quarto ano. Fiz todos eles, desde a Educação Infantil até a quarta série do Ensino Fundamental (hoje quinto ano). Sentada no fundo da sala de aula e sempre muito bem recebida pelas professoras, observava as aulas atentamente, mas não conseguia me imaginar no lugar delas.

Nos dois primeiros anos do Magistério frequentei as aulas de manhã, já nos outros (terceiro e quarto) optei pela noite, pois queria trabalhar e não estava conseguindo emprego. Nem sonhava em trabalhar com alunos, mas como não estava conseguindo outro tipo de trabalho, fui preencher uma ficha de inscrição no CIEE

(Centro de Integração Empresa-Escola) para a vaga de estagiária no CLUBIN (Clube da Infância), um lugar onde as crianças tinham atividades pedagógicas e lazer (horário para brincar) em período oposto ao da escola.

Não completou uma semana e fui chamada pelo CIEE para estagiar no CLUBIN do bairro Boa Esperança, na cidade de Piracicaba. Fui com a cara e a coragem, pois temia enfrentar as crianças. Como não tinha experiência, não tinha “pulso firme” com os alunos, cheguei dando muitos sorrisos e as crianças começaram a se aproveitar. Trabalhava no período da manhã com mais duas estagiárias. Cada uma tinha sua turma com dez crianças cada.

Com o passar dos dias comecei a ser mais firme com os alunos e a me sentir mais segura. E, quanto ao conteúdo, tínhamos um coordenador que nos transmitia a grade curricular. Quanto a isso, para mim era tranquilo.

Para concluir o curso teria que realizar uma aula como docente, onde eu prepararia uma aula e lecionaria por um dia, em uma escola escolhida pela tutora do curso. Estava muito ansiosa e nervosa, pois no início do quarto ano do Magistério o que afligia todos os alunos era pensar nessa docência. Além do mais, tínhamos somente a teoria e a prática é completamente diferente, afinal aprendemos praticando. O que me deixava um pouco mais tranqüila era o pouco de experiência que tive no CLUBIN, com somente dez alunos, durante o período de dez meses. Mas o que eu iria enfrentar era diferente, seriam 35 alunos.

Para minha sorte aplicamos a docência em duplas. Eu e minha amiga, não a que iniciou o curso comigo, mas outra que conheci durante esse período. Preparamos a aula e aplicamos numa sala de terceira série (hoje quarta série). Tínhamos dividido as falas e a própria professora da sala nos avaliaria. Terminando, fomos elogiadas por ela, que disse que havíamos sido bastante criativas.

2.3 Me formei professora e agora?

Concluindo o magistério, apesar de ter um pouco de experiência com crianças no CLUBIN e na docência, ainda não me sentia preparada para lecionar. Estava desempregada, pois no CLUBIN havia acabado meu contrato, pois era estagiária, e terminando o curso, era obrigada a deixar o cargo. No entanto, teve concurso da prefeitura de Piracicaba, mas eu não quis fazer a prova, pois nem me passava pela

cabeça dar aulas, mas continuei na expectativa de um emprego. Deixava meu curriculum vitae em lojas, escritórios, papelarias, etc.

Passado algum tempo fui chamada para trabalhar em uma papelaria, onde a patroa tinha dois filhos. De manhã eu ficava com as crianças na casa, ao lado da papelaria e à tarde, elas estudavam. Então, eu ficava na papelaria. Era babá e balconista. Neste trabalho permaneci durante três anos e, durante esse tempo, como queria mudar de emprego, comecei a mandar currículo em todas as escolas de Educação Infantil da cidade. Aliás, além de balconista, tinha experiência de babá e também de estagiária no CLUBIM, o que ajudaria para trabalhar em alguma escola. Quis arriscar, já que tinha um diploma “guardado na gaveta”. Também, pouco antes de deixar este trabalho, prestei um concurso da prefeitura de Piracicaba para o cargo de professor do Ensino Fundamental, o qual eu havia recusado da outra vez.

Não queria lecionar, tinha muito medo, mas estava muito descontente com o salário e com o trabalho, então queria mudar de qualquer maneira. Prestei o concurso e fui aprovada, mas não para ser chamada de imediato. Fiquei feliz, mas um pouco desapontada por não ser chamada logo. O concurso era válido por dois anos, então fiquei na esperança de ser chamada durante esse período.

Passaram-se seis meses da entrega dos currículos e do concurso, e então, uma das escolas de Educação Infantil me chamou. Fui fazer a entrevista e fui aprovada. Iria trabalhar de Auxiliar de Ensino. Esta seria minha primeira experiência com crianças na educação, após o término do Magistério.

Capítulo III

Como Alfabetizar?

Para alfabetizar o professor deve proporcionar um ambiente letrado, aos alunos, onde eles possam ter contato com diversos tipos de textos como: jornais, revistas, gibis, cartas, etc, para que eles se familiarizem com a escrita, e, decifrando os códigos desta, aprendam a interpretá-la.

3.1 Minha Prática Pedagógica

Na escola de Educação Infantil trabalhei como Auxiliar de Ensino, mas a parte de ensino ficou só no nome, pois eu era “volante”, a cada semana ficava em uma sala, desde o maternal até o antigo pré (hoje primeiro ano do Ensino Fundamental), não dando, desta forma, para acompanhar totalmente o ensino de uma, especificamente. Sentia-me uma mera ajudante, pois quem ensinava era a professora da sala. Eu simplesmente pegava os materiais a serem usados e trocava fraldas quando auxiliava no Maternal. Desde então, comecei a sentir a necessidade de lecionar, de me sentir professora.

Passaram-se dez meses e, como estava descontente com esse trabalho, enviei um currículo para uma outra escola de educação infantil, a qual já havia enviado, mas desta vez, li no jornal que esta estava precisando de professora. Após dois dias fui chamada para a entrevista. Fui muito bem recebida. A proposta era para trabalhar com o maternal I (crianças entre 1 e 2 anos).

Confiante, pedi a conta na escola onde trabalhava e iniciei, após alguns dias, na outra. Nesta, eu era professora e preparava as aulas com toda a dedicação. Como era uma sala de maternal I, as atividades eram mais desenhos para colorir, colagem, etc. Somente no ano seguinte, onde fui lecionar para uma sala de Maternal II (crianças de 3 anos), já trabalhava com dobraduras, a primeira letra do nome das crianças, apresentação das letras do alfabeto e números para contornar, etc. Adorei trabalhar com esta idade. Permaneci nesta escola durante um ano.

Pouco antes de completar um ano de permanência nesta escola, recebi uma carta, a qual me chamava para trabalhar na prefeitura, como professora do Ensino

Fundamental. Pulei de alegria, pois o salário me chamava a atenção. Era o maior salário que iria receber desde que comecei a trabalhar.

Aceitei o emprego e como trabalhava à tarde na Escola de Educação Infantil conciliei os dois trabalhos, pois na prefeitura havia uma vaga para professor no período da manhã.

Na escola municipal fui muito bem recebida. Iria lecionar numa sala de terceiro ano (hoje quarto ano), com crianças de nove anos. Sofri muito nos dois primeiros meses, pois ingressei na prefeitura no final do mês de agosto com a sala já em andamento, onde os alunos haviam recebido três professoras substitutas antes da minha chegada. No entanto, apesar de ser concursada, seria uma outra nova professora e sem experiência com o terceiro ano (quarto ano hoje).

Foi muito difícil para mim. A sala não me respeitava. As crianças não aceitavam o fato de ter outra professora, queriam a última, pois já estavam acostumadas com ela. Quanto ao conteúdo, fiquei tranqüila, ia seguindo a grade curricular, mas o que eu mais temia estava acontecendo: esta sala, me “sugava” ao máximo. Ia trabalhar à tarde, na escola de Educação Infantil, já esgotada, apesar de amar trabalhar naquele lugar.

Trabalhei nestas duas escolas em períodos diferentes durante três semanas e como a escola municipal, de manhã, me deixava estafada, pedi a conta na outra e fiquei somente nela, onde o salário era maior e o emprego estável.

Sentia-me “pulando de pára-quadras” naquela escola municipal, naquela sala de aula, mas adquiri uma experiência para a vida toda. Aprendi muito, pesquisei maneiras para dominar aquela sala, além de dicas que as colegas de trabalho me davam.

Quanto à alfabetização, a sala toda estava alfabetizada, exceto uma menina, que foi diagnosticada como sendo portadora de dislexia (a mãe levou ao médico). Apesar de ter trabalhado na educação infantil eu não tinha nenhuma experiência com alfabetização, pois somente apresentava às crianças as letras do alfabeto e as do primeiro nome das mesmas. Nunca havia alfabetizado ninguém. Pesquisei algumas atividades de alfabetização diferenciadas para esta menina com dislexia. Deixava-a sentada na minha mesa e, quando possível, dava mais atenção a ela, pois o restante da sala “tomava” todo o meu tempo. Fiz o máximo que pude, mas impossível alfabetizar (principalmente sem experiência nenhuma) uma criança em três meses e com dislexia. Explicava para ela, e esta, dez minutos depois, não lembrava mais. Foi assim, até terminar o ano. Houve preocupação da escola (coordenadora e diretor) perante a

situação da menina, mas ninguém fez nada. A criança não tinha um acompanhamento familiar, faltando também estímulos para levantar sua auto-estima. Eu, como professora, fiz o que estava ao meu alcance.

No ano seguinte permaneci na mesma escola e em substituição, pois não havia uma escola com vaga livre para eu escolher como sede. No final do ano teria que escolher novamente outra escola.

Lecionei para um terceiro ano novamente, mas desta vez foi mais tranquilo, pois acompanhei a sala desde o início do ano letivo e já estava mais experiente. Nesta sala todos estavam alfabetizados.

No final do ano fui novamente para a escolha de outra escola, mas desta vez consegui uma sede, onde estou até hoje e já a dois anos, trabalhando com alfabetização.

No primeiro ano, nesta escola, estava com um pouco de medo e insegurança, pois nunca havia alfabetizado ninguém. Mas, para a minha sorte, conheci neste local, duas professoras maravilhosas que seriam as minhas companheiras de trabalho. Estas me deram dicas de como alfabetizar pelo método do Construtivismo (adotado pela escola) e completamente diferente da maneira como aprendi a ler e escrever, ou seja, o método “tradicional”.

Sem cartilha e sem nenhum livro didático comecei a alfabetizar. Somente comprei uma coleção de livros com idéias para trabalhar com a Etapa inicial (hoje primeiro ano do Ensino Fundamental). Além das idéias tiradas dessa coleção, também contava com o apoio das colegas de trabalho, pois eram três salas de alfabetização, a minha e mais duas.

A técnica usada para alfabetizar era através da apresentação das letras do alfabeto e da construção de listas de palavras na lousa. O “ba, be, bi, bo, bu”, diante da coordenadora, não podia ser citado. Trabalhava-mos desta forma. Eu, particularmente, em minha sala, quando percebia que algum aluno não estava entendendo recorria ao tradicional “ba, be, bi, bo, bu” na lousa dizendo, por exemplo, que se o “B conversa com o A” fica “BA”. Percebia que havia uma maior compreensão dos alunos, quando explicava desta forma.

Hoje, estou no terceiro ano de trabalho com a Alfabetização e percebo que o método que uso, do construtivismo, mesclado com um pouco do tradicional está dando certo.

Recordo-me que minha professora do primeiro ano do ensino Fundamental transmitia seus conhecimentos esperando que os alunos memorizassem sem entender, decorando e depois silabando, através das famílias silábicas. A escrita era transmitida como um mero código da linguagem oral.

Hoje muitos professores pensam diferente. Eu, por exemplo, converso com os alunos sobre a importância da escrita, da construção de um texto. Faço com que eles entendam como formamos as palavras e para que vamos utilizá-las, trabalhando a interpretação de pequenos textos, mesmo eles ainda não estando alfabetizados. Ao contrário da minha professora alfabetizadora, que não fazia nada fora do livro didático, que continha pequenos textos que não tinham sentido, que não tinha um conteúdo significativo para leitura, como por exemplo, o “texto” “A pata nada” da cartilha Sodré, que possuía frases dizendo: “A pata nada”; “A pata pa”, etc. A criança lia e não conseguia imaginar uma história com começo meio e fim, atrapalhando assim, seu desenvolvimento para interpretar um texto.

Quando falei acima em trabalhar o Construtivismo mesclado com o modelo “tradicional” quis dizer que, além da criança compreender o significado da escrita e sua importância para sua vida, construindo seu próprio conhecimento, sabendo interpretá-la, ela precisa também saber que uma palavra poderia ser dividida em sílabas, pois como ela iria escrever corretamente em seu caderno, por exemplo, se esta chegar no final da página sem saber como separar a palavra (a sílaba)? E a ortografia, como fica? Se nenhum professor trabalhar os erros ortográficos e interpretação de textos com o aluno como, no futuro, ele irá fazer uma boa redação para o vestibular? Estas são questões que me fazem refletir.

3.2 As Controvérsias entre o Ensino Tradicional e o Construtivismo

“(.) A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.” (Emilia Ferreiro)

O fracasso no processo de alfabetização é um dos maiores problemas educacionais que convivemos. Antigamente, até mais ou menos na década de oitenta, o Ensino Tradicional era muito valorizado e as crianças escreviam mecanicamente, sem

haver uma maior compreensão do que estavam fazendo. A cartilha era utilizada do início ao fim, com etapas rígidas de aprendizagem, com pequenos textos artificiais e fora da realidade das crianças. Depois veio a divulgação das pesquisas feitas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que falavam sobre a Psicogênese da Língua Escrita, segundo Piaget, chegando à idéia do Construtivismo, que era o oposto do ensino “Tradicional”. Nesta concepção de ensino o aluno tem contato com diversos tipos de textos, mesmo não sabendo decifrar ainda o código da escrita. Ele constrói seus próprios conhecimentos e expõe suas opiniões, tornando-se um aluno crítico. E com relação à escrita, a interpreta a seu modo, ao contrário do ensino “Tradicional”, onde o professor é o detentor do saber e o aluno só decifra o código, sem ao menos entender, saber seu significado, sua utilidade. Portanto, no Ensino Tradicional, sair alfabetizado seria sair dominando os códigos da escrita, lendo e escrevendo. Já no Construtivismo o aluno deve sair lendo, escrevendo e interpretando (letramento), fazendo o uso da leitura e da escrita, assim,

(...) após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita, verifica-se uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita. (SOARES, 2003 p. 4)

Não adianta o aluno sair alfabetizado e não letrado, pois não conseguirá interpretar o que lê, se transformando num analfabeto funcional que “(..) é capaz de ler e escrever, mas que enfrenta dificuldades quando se trata de interpretar corretamente o que leu ..)” (Moreira, 2003). Não interage com a língua escrita em seu uso e prática social e não consegue interpretar o que está escrito em um jornal, revistas, etc.

(...) Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção, que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele (...) (SOARES, 2003, p.14)

Estas mudanças não foram fáceis para os professores e não são até hoje, pois eles precisaram e precisam aprenderem a ser flexíveis porque passaram de professor “sabe tudo” para pesquisador e mediador dos conhecimentos dos alunos. As crianças já não iam escrever somente o que estava escrito na cartilha, com informações prontas e

acabadas. No construtivismo os alunos vêm a escrita como os outros campos do conhecimento.

Nada impede a professora de trabalhar o construtivismo mesclando o ensino “tradicional”. É só escolher o momento oportuno, com situações interessantes, pois, para trabalhar a tabuada, por exemplo, é preciso utilizar a memorização. No caso da gramática, por exemplo, há muitos professores que a deixam de lado, pois acham que não faz parte do construtivismo. Como o aluno irá escrever corretamente, sem ter noção de regras de acentuação e separação de sílabas, por exemplo? Ele pode construir seu conhecimento, escrever “carrosa”, exemplificando, mas poder saber que carroça escreve-se com “ç”, e não passar a “vida inteira” escrevendo “carrosa”, como acontece com muitos por aí, que chegam a cursar a faculdade escrevendo desta maneira. Portanto, não é porque foi descoberta uma outra forma de se transmitir o conhecimento que o Ensino Tradicional tem que ser deixado totalmente de lado. Cabe ao professor organizar a aula com atividades que façam com que o aluno reflita e compreenda o que ele está fazendo e entenda , um exemplo, ensinar que a palavra é formada de sílabas, sem necessariamente ficar trabalhando a família silábica até o aluno construir a palavra toda. O aluno constrói seu conhecimento e também sabe que a escrita é um código da linguagem oral.

O PROESF ajudou muito em minha prática pedagógica, principalmente no que diz respeito à alfabetização. As aulas sobre Alfabetização e Letramento fizeram-me refletir muito sobre minha prática pedagógica e a compreender melhor o significado do Letramento, que deve acompanhar a alfabetização. O aluno alfabetizado e letrado lê e interpreta o que lê. Já o aluno alfabetizado e não letrado somente decifra o código da escrita.

Capítulo IV

A avaliação nos ciclos

“(...) Todo educador precisa saber os motivos pelos quais a alfabetização não ocorre. Sou contra usar rótulos como alfabetizado e não-alfabetizado, leitor e não leitor. Quando se trata de conhecimento, não existe o “tudo ou nada”. Uma criança que tenha acabado as quatro primeiras séries, apesar de dominar os códigos da língua, pode ter dificuldade em compreender um texto e não estar habituada a estudar (...)”

4.1 A Divisão Em Séries E A Progressão Continuada

Antigamente a criança que não tinha um bom desempenho escolar era retida, e repetia tudo que aprendeu no ano seguinte, na mesma série, pois os alunos eram divididos por séries (1ª, 2ª, 3ª e 4ª), se não tinha um bom rendimento em uma das séries, não cursava a outra no ano seguinte.

Devido ao grande número de repetentes e para não deixar as crianças desestimuladas a freqüentar a escola, por não terem “passado de ano”, foi adotada desde 1998, inspirada em experiências em outros países, como a Espanha, a linha pedagógica chamada Progressão Continuada., um sistema introduzido para combater a repetência no Brasil.

Esta citação abaixo, de Carlos de Freitas explica o porque da Progressão Continuada. Segundo ele,

(...) se submetermos os diferentes ritmos dos alunos a um único tempo de aprendizagem, produziremos a diferenciação dos desempenhos dos alunos. Cada um caminhará a seu ritmo dentro de um mesmo tempo único – logo, uns dominam tudo e outros, menos. Caso se queira unificar desempenhos (nível elevado de domínio para todos), há que se diversificar o tempo de aprendizagem. Para tal, é preciso permitir que cada um avance a seu ritmo usando todo tempo que lhe seja necessário. (FREITAS, 2003, p. 19)

Esta linha pedagógica, a Progressão Continuada, divide o tempo escolar em ciclos de aprendizado com duração de três a quatro anos, dependendo dos critérios da rede pública. O aluno é avaliado o ano todo, não somente por provas, mas por todo o seu desempenho e conhecimento. Algumas escolas adotam aulas de reforço para aqueles que não tiveram um bom desempenho durante o ano letivo, seriam os repetentes

no antigo sistema. Não são todas as escolas que adotam aulas de reforço, então, aquele que não aprendeu, não foi alfabetizado, por exemplo, chega até o quinto ano na mesma situação. São promovidos para a “série” seguinte mesmo sem a menor condição de acompanhá-la.

Isso contradiz a proposta de ensino desse sistema de ciclos (Progressão Continuada), pois na proposta, o aprendizado se daria em três ou quatro anos, respeitando o ritmo de cada um, mas passa-se cinco anos, por exemplo, mesmo que o aluno não progrediu. O aluno é promovido automaticamente. No sistema “Tradicional” ele seria reprovado, mas em todos os anos? Ou bastaria para ele repetir somente a primeira série? Será que se ele fosse retido, seu rendimento iria render no ano seguinte? Será que, como os professores não foram capacitados para trabalhar com a progressão continuada, o ensino transformou-se numa promoção automática? Será que o fato de uma criança (saudável) chegar ao quinto ano do ensino fundamental sem estar alfabetizada ou até mesmo no nono ano sem saber interpretar um texto é culpa da professora que não pode dar maior atenção, devido ao grande número de crianças na sala? Será falta de interesse dos alunos em aprender? Estas são questões para refletirmos e tentarmos descobrir onde está o problema, de quem é a culpa, pois até hoje, ninguém deu uma resposta concreta, definitiva.

4.2 Da Sériacão Aos Ciclos – As mudanças Encontradas Pelo Professor

Quando o sistema era dividido em séries, apesar de haver repetências, era mais fácil para o professor, pois ele tinha, apesar das diferenças individuais de cada aluno, uma sala homogênea, onde todos os alunos, pelo menos com relação ao conteúdo, estavam no mesmo nível ou próximos. Agora, com a progressão continuada, o professor não sabe que rumo tomar, se ele se preocupa mais com aqueles com maiores dificuldades, ou dá um encaminhamento à sala no geral. Outro problema do professor é a sala numerosa, além dos problemas comportamentais dos alunos.

Penso que, para o professor dar uma atenção adequada a cada aluno, fazendo as intervenções possíveis para que ele avance, a sala precisaria ter no máximo quinze alunos, principalmente se for uma sala com níveis de aprendizagem diferentes.

Considerações Finais

Quando eu estava no segundo ano de trabalho na escola municipal da prefeitura de Piracicaba fiquei sabendo que iria abrir vagas para estudar no PROES, curso conveniado à Unicamp, Faculdade de Pedagogia. Fiquei muito feliz, pois era formada somente em Magistério, não possuía curso superior.

Depois de algumas semanas fiz a inscrição pela internet e aguardei o dia da prova, que seria na UNICAMP, em Campinas. Chegado o grande dia, fui fazer a prova na UNICAMP e fui aprovada. Estava ansiosa para iniciar o curso logo.

No segundo semestre de 2005, iniciei o curso de Pedagogia do PROESF em parceria com a UNICAMP. Este curso foi e é de grande valia para mim. Aprendi muito com ele. Tudo que aprendi e que fazia parte da área pedagógica apliquei em sala de aula, fazendo dela, meu laboratório. Todas as idéias de como trabalhar a arte com as crianças, que obtive durante as aulas da professora Marilise, apliquei em sala de aula e foi um sucesso. Aprendi muito também com a professora Michele que ministrava a disciplina Alfabetização e Letramento, cujo conteúdo fez e faz parte da minha vida profissional, pois trabalho com a alfabetização, lecionando para o primeiro ano do Ensino Fundamental. Todo o conteúdo transmitido nesta faculdade foi muito bem aproveitado, pois tinha tudo a ver com a nossa realidade, nossa vida profissional. Senti-me privilegiada de estar fazendo um curso tão bom e de ter conseguido ingressar nele antes do mesmo fechar, pois a turma da qual faço parte é a última do PROESF porque até momento (2008) não há notícias de que o convênio da UNICAMP com o PROESF terá continuidade.

Referências Bibliográficas

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Evolução da Escrita*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclos, Sieriação e Avaliação: Confronto de lógicas*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

LEITE, Sérgio (Org) et al. *Notas sobre o processo de alfabetização: Contribuições para as Práticas Pedagógicas*. São Paulo: Editora Komedi, 2001.

MOREIRA, Daniel Augusto. *Analfabetismo Funcional*. São Paulo: Pioneira, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento e Alfabetização: As Muitas Facetas*. São Paulo: Editora Pinsky Ltda, 2004.